

“Conseguimos passar horas a en

SUPER MANOS

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

‘Mano a Mano Vol. 2’, o novo disco dos guitarristas de jazz Bruno e André Santos, estará cá fora esta sexta-feira. Vem aí uma ‘explosão’ musical. Mais uma dos super Manos.

Mano a Mano’ poderia ser apenas “um nome fofo para um duo”, atira o mais velho, Bruno, não fosse a sua relação como irmãos essa fortaleza inabalável que extravasa da ‘sala de estar’ para o estúdio e para qualquer palco que pisem levando o seu “duelo de guitarras”.

São dos melhores na cena do jazz nacional, mas recusam-se a alimentar egos. O que vale é “a música pela música”.

Os ‘Manos’ estão de regresso. Três anos se passaram desde o vosso álbum de estreia, uma edição de autor que viu a luz do dia com o apoio de uma campanha de crowdfunding. Podemos dizer que ‘Mano a Mano Vol. 2’ é um segundo ‘filho’ muito desejado?

Bruno Santos (BS) – Podemos dizer que sim, mas mais do que isso, foi um parto natural. Desde a conceção até estar cá fora foi tudo muito natural e, na verdade, passaram cerca de nove meses desde o momento em que começámos a pensar no disco.

André Santos (AS) – Já tínhamos esta vontade de alargar a família discográfica há mais tempo, mas só há um ano, quando regresssei definitivamente de Amsterdão, é que pudemos concretizar algumas conversas e ideias que andá-

vamos a ‘magicar.’

Ao longo destes três anos, o que mudou em vocês, enquanto homens e enquanto músicos?

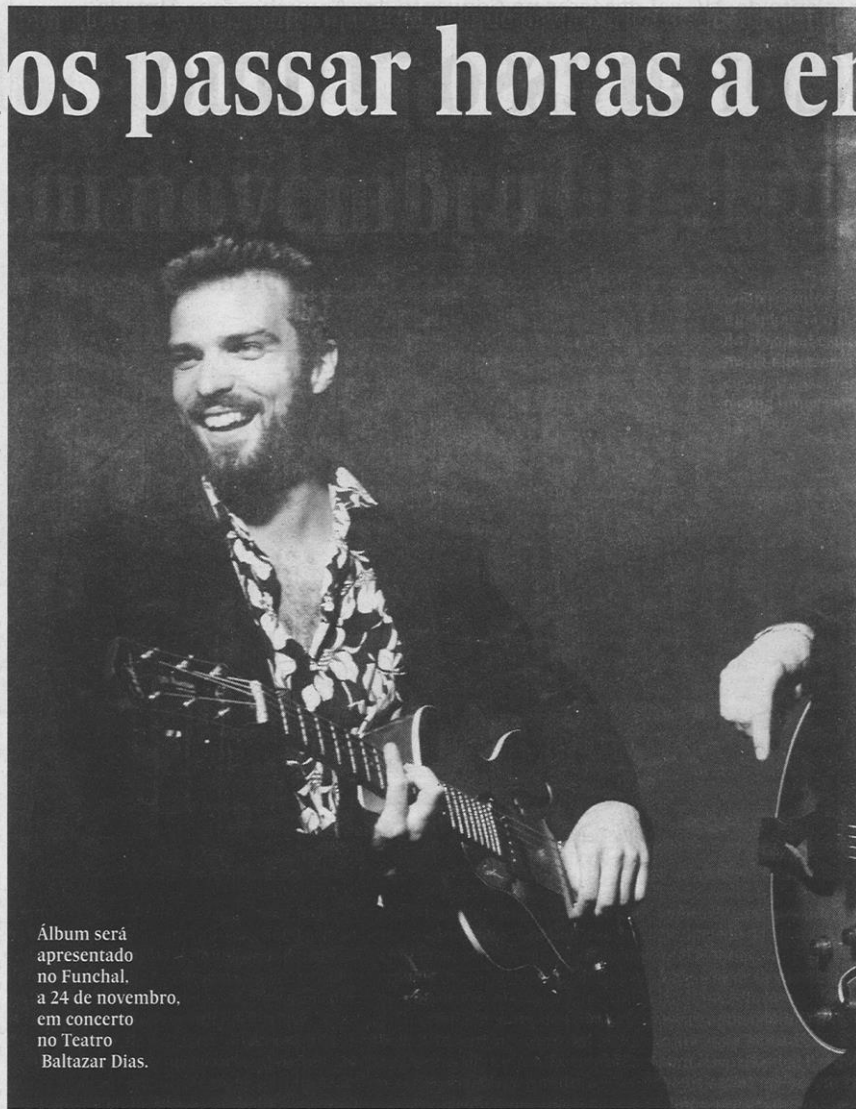
BS – Acho que somos muito parecidos na vontade de procurar novas soluções, coisas que nos desafiem e nos ponham em sentido. Portanto, diria que a mudança é uma coisa natural, e vem principalmente de olhar para trás e perceber o que se pode melhorar, sem arrependimentos ou a sensação de que podíamos ter feito diferente. Tenho a sorte de sentir que estou a envelhecer bem, cada vez mais convicto daquilo que faço e mais consciente de que há muita coisa que não se controla. Mas isso tem um lado bom. O tal desafio, a surpresa, que nos deixam alerta e nos obrigam a andar para a frente. Portanto, muito honestamente, sinto-me melhor pessoa e melhor músico do que há três anos. Mas há quem possa achar que não...

AS – A minha tendência natural é pensar sobre as coisas e tentar melhorar a cada dia. Desde há três anos, muita coisa aconteceu. Vivi em Amsterdão e Filadélfia, conheci muita gente e aprendi muito sobre mim, como pessoa e como músico. Sinto-me mais livre, confiante e calmo, e mesmo que isso não seja verdade, o importante é acreditar que sim.

Há uma diferença substancial do primeiro álbum para este?

BS – Substancial não diria, mas há coisas diferentes. A linha de orientação continua a ser a mesma, imaginar que estamos na nossa sala de estar a escolher um punhado de canções que fazem parte da nossa juventude, e tentar torná-las nossas; mas não num estilo Tony Carreira, não é roubar, dizemos sempre quem é o compositor [riso]. Diria que o que mais mudou foi a mistura do som acústico com o som processado [efeitos nas guitarras] e a inclusão da, ou do, braguinha, para não ferir suscetibilidades. Mas isso também aconteceu com naturalidade, tal como a inclusão de mais temas originais, e um deles - parceria entre os manos -, o último tema do disco, chamado, pois claro, ‘Mano a Mano’.

AS – A grande diferença é ser somente em duo. Ao longo do tempo fomos percebendo que isso é o que nos torna especiais e, por vezes, quando tocamos com bateria e contrabaixo, perde-se essa essência. Para além disso, trabalhamos mais para este disco.



Álbum será apresentado no Funchal, a 24 de novembro, em concerto no Teatro Baltazar Dias.

A introdução do braguinha/machete é uma novidade... O que vos diz, e o que nos conta sobre os ‘Manos’, esta melodia?

BS – É uma novidade, sim. O André tem andado à volta dos cordofones madeirenses, e não sendo um especialista, parece-me que daqui a uns anos se perceberá a importância de um músico como ele, com distintas influências, ter abraçado a música tradicional madeirense, respeitando-a ao máximo, mas com uma abordagem nova e fresca. Um dia, estava à volta de um tema novo para o disco e imaginei a braguinha a ‘cantar’ a melodia. Experimentámos e convenceu-me à primeira. Já temos dois temas com braguinha. A tendência é haver mais.

AS – Quando tive de escolher o assunto da minha tese de mestrado, em Amsterdão, optei por falar sobre estes três belos instrumentos, para mergulhar neste mundo de uma vez por todas. Desde então, tenho andado a explorar as sonoridades possíveis de cada um e, sempre que faz sentido musical, acrescento alguns dos instrumentos à minha parafernália. E neste tema do meu irmão, ‘A cadeira, o baloço e a rosa’, o/a braguinha assenta como uma luva.

E há algo que fazem questão de manter intacto em ‘Mano a Mano’?

BS – A pureza da música, que num mundo ideal é despida de egoísmos e/ou protagonismos. Eu acredito que ‘Mano a Mano’ é um projeto com personalidade, ainda

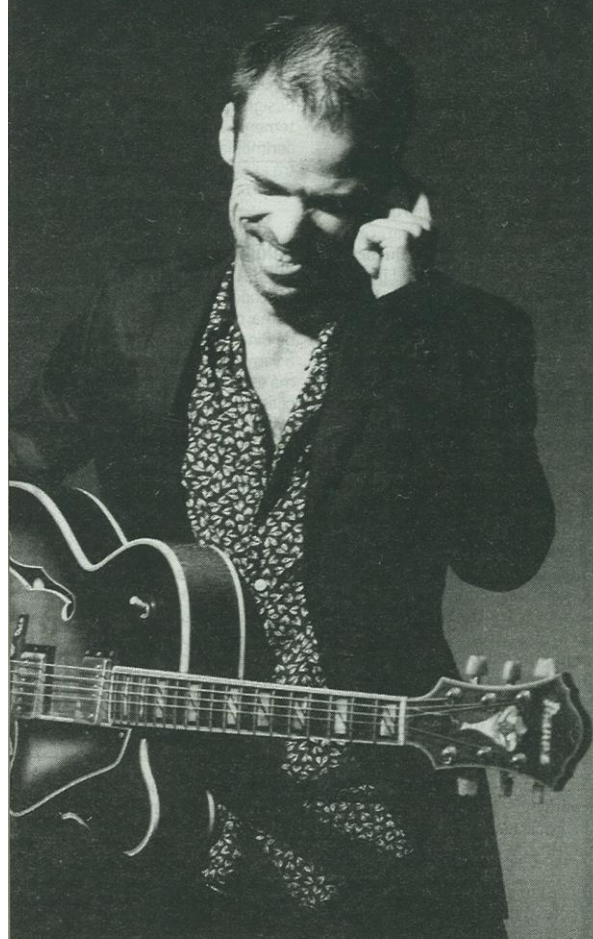
que misturemos jazz, música brasileira, rock, ou outros. E digo que tem personalidade por ser uma coisa muito honesta e despretensiosa. A música pela música. O que mais me faz feliz é tocar numa sala cheia de gente, que sai dali satisfeita com o que viu e ouviu. Temos a preocupação de proporcionar um bom espetáculo, a todos os níveis. Conversar com as pessoas, explicar-lhes coisas sobre os manos... É mesmo como recebê-las na nossa sala de estar.

AS – Não poderia acrescentar nada mais a esta bela resposta do mano sénior [riso].

Quando e como começaram a esculpir o conceito do disco? Podem falar-me um pouco desse processo?

BS – Eu diria que foi no início deste ano, embora já tivéssemos

“saiar sem andarmos à pancada”



PAULO SEGUNDES

à minha terra. Também pelo facto de ter aí os meus pais, a minha irmã, sobrinha e outros familiares e amigos. Mas por cá fico; Lisboa foi uma cidade decisiva na minha vida e adoro cá estar, mas a Madeira tem aquele cantinho especial no meu coração. Paz e amor foi o que sentimos quando gravámos o disco.

AS - No estúdio do Paulo Ferraz estamos em casa. Quando chegamos, já está tudo a postos para começarmos a gravar, não há preocupações extra-musicais, só equipamento e tratamento de topo. O Paulo Ferraz é um senhor e o Luís Nunes é um mestre do som. Sem esquecer o Saúl Ferreira, que estava lá para o que desse e viesse. Estamos muito gratos pela generosidade destes ‘gentlemen’.

‘Super Mario’, um dos onze temas que compõem ‘Vol. 2’, já anda a circular por aí. E elogios, dos grandes, não têm faltado na imprensa nacional...

BS - É um tema do André, que está gravado no último disco dele. Achámos que a versão em duo seria contrastante, mas interessante. É um tema mais frenético. O André explica melhor...

AS - É um tema meu, sim senhor! Foi gravado numa formação diferente, no meu disco ‘Vitamina D’, mas sempre pensei que seria uma boa opção para tocar com o mano. E assim foi. É um tema ‘groovy’ com um piscar de olho aos fãs do videogame ‘Super Mario’. E mais não posso revelar, tenho de deixar cada um descobrir por si.

Sabemos que não gostam de ‘compartimentos’ quando se trata de definir o vosso estilo. No entanto, o jazz é a tónica da vossa identidade. Mas há mais. Parece haver sempre mais quando vos escutam.

BS - Eu sou músico profissional há uns 20 anos, e como músico profissional praticamente só toquei jazz. Mas antes disso ouvia e tocava muito rock, e entre uma coisa e outra ouvi muita música brasileira, principalmente Tom Jobim e João Gilberto. É difícil classificar o nosso estilo, mas sem dúvida que o jazz tem uma influência muito presente.

AS - Eu acredito muito naquele cliché de que só existe a boa e a má música, seja lá o que isso for. Então, tudo o que me move, eu quero tocar, independentemente do estilo em que está ‘engavetado’. E neste grupo não é diferente. Tudo o que nos move e achamos

O nosso processo é muito semelhante ao que eu usava há 25 anos na minha banda de rock: fechar a porta da garagem e experimentar.”

Bruno Santos

Sem o meu irmão, eu provavelmente nem seria músico. Ainda estaria perdido à procura da minha vocação.”

André Santos

que faz sentido tocarmos juntos, trazemos para o nosso mundo.

Uma das coisas que tenho percebido ao explorar a música tradicional madeirense é que a génese da música é muito idêntica nas diferentes culturas. Mesmo a improvisação, não é algo que só exista no jazz, é muito mais antigo do que isso.

Vocês já me haviam dito, numa outra entrevista, que em ‘Mano a Mano’ encontram um espaço de total liberdade. Esta liberdade tem a ver com a forma como se expressam quando tocam em conjunto?

BS - A liberdade tem a ver com a seriedade [sem que nos levemos muito a sério, diga-se] e o respeito com que encaramos a música. E perceber que não há lugar a egos. O foco é fazer boa música e deixar as pessoas felizes por nos verem e ouvirem. Quando assim é, não há obstáculos, só as dificuldades técnicas e afins, mas essas são as mais fáceis de resolver.

AS - A principal liberdade que sinto é a de nos entendermos muito bem, tanto musicalmente como pessoalmente, e por isso é muito fácil tocarmos juntos. Um dia, o meu amigo Tristan Renfrow, depois de ouvir ‘Mano a Mano’, disse-me: “Vocês dizem a mesma coisa por palavras diferentes”. Acertou em cheio.

Apesar da vossa diferença de idades, a empatia e a admiração que nutrem um pelo outro são notórias. Até que ponto a vossa relação como irmãos

determina a música que fazem?

BS - Há 10 anos, ainda olhava para o André como o puto lá de casa. Hoje em dia não penso nisso. Em palco, nunca mesmo. Aliás, quem nos vê ao vivo acha que somos da mesma idade [riso]. A nossa relação como irmãos é essencial para o resultado final deste projeto. Sem isso, ‘Mano a Mano’ seria somente um nome folheiro para um duo [riso].

Mas o mais importante, além de sermos irmãos e guitarristas [um deles esquerdino], é o facto de partilharmos as mesmas ideias sobre ‘como’ e ‘porquê’ fazer música. Claro que há uma ligação muito especial por sermos irmãos, pelo simples facto de sempre nos termos dado bem. Mas há irmãos que passam a vida à paulada. Também podia ter corrido mal...

AS - Para mim é 174% determinante. Sem o meu irmão, eu provavelmente nem seria músico, ainda estaria perdido à procura da minha vocação. Sempre olhei para ele com grande admiração, e anti-gamente até tremia quando tocava com ele, mesmo em casa. Agora quem treme é ele, coitado [riso].

O disco sai já depois de amanhã, numa sexta-feira 13. Há superstições?

BS - Nada! Acredito que há algo que nos transcende e que não podemos compreender, mas não em superstições. O meu sonho é ter um gato preto [riso].

AS - Como diria o grande João Pinto, ‘rei das calinadas’ do futebol, “superstições? Não, isso dá azar.”

Vêm apresentar este ‘Vol. 2’ ao Funchal, num concerto marcado para 24 de novembro, no Teatro Baltazar Dias. Não esperávamos outra coisa dos ‘Manos’...

BS - Era obrigatório. Além do gosto imenso que temos em voltar à Madeira, o disco foi gravado aí, e tivemos um apoio essencial da Câmara Municipal do Funchal, na pessoa do Dr. Paulo Cafôfo, que já tive o prazer de ver em vários concertos. Bom sinal! Sem isso e sem a ajuda do Paulo Ferraz e do Luís Nunes, seria muito difícil termos o produto final.

Gostáramos de ver o Teatro a abarrotar!

AS - É verdade. Será a segunda vez que apresento um disco meu no Teatro Baltazar Dias, e se o primeiro foi muito especial, com o mano será ainda mais. Acho que vou chorar... Penso que, só por isso, é de aparecer [riso]. **JM**

falado anteriormente sobre repertório e o que nos apetecia fazer agora. Começámos por ter uma lista grande de temas, que fomos reduzindo, de maneira a termos um equilíbrio no disco. Equilíbrio que passa por ter alguns originais, alguns temas de jazz puro e duro, música brasileira [que nos trouxe até ao jazz há muitos anos] e ter atenção aos andamentos dos temas. Termos uns mais lentos, outros mais frenéticos... Depois, fomos experimentando.

O nosso processo é muito semelhante ao que eu usava há 25 anos na minha banda de rock: fechar a porta da garagem e experimentar. Fazer os arranjos na hora, com muita tentativa e erro.

AS - Gravando exclusivamente em duo, tivemos de pensar em di-

versidade e em formas de manter um disco e um concerto consistentes e cativantes ‘só’ com duas guitarras. Acho que a principal diferença em relação ao álbum anterior é que, desta vez, trabalhámos muito mais em conjunto. Felizmente, damo-nos bem e sabemos ceder e ter paciência um com outro; conseguimos passar horas a ensaiar sem andarmos à pancada [riso].

Este disco, tal como o primeiro, foi gravado na vossa ilha.

BS - A gravação foi, mais uma vez, amavelmente patrocinada pelo Paulo Ferraz e pelo Luís Nunes, num belíssimo estúdio (Paulo Ferraz Studio), na nossa linda ilha. E, para nós, faz diferença gravar na nossa terra. À medida que vou ficando mais velho, sinto uma maior ligação